

Estudo comparativo do uso da voz passiva como ferramenta para o tradutor

Comparative study of the use of passive voice as a tool for the translator

Patrícia Almeida de REZENDE¹

RESUMO: *Se o tradutor não ficar atento, algumas sutilezas da língua podem passar despercebidas. Além do conhecimento das regras gerais das línguas envolvidas no processo tradutório, é necessário o reconhecimento das preferências de uso das formas gramaticais em cada idioma considerado. O presente artigo aborda a questão dos usos preferenciais das vozes verbais nos idiomas inglês e espanhol em documentos da área de aviação civil, com o objetivo de conscientizar o tradutor brasileiro da importância desse aspecto linguístico, bem como auxiliar aqueles que precisam produzir e/ou compreender textos nos referidos idiomas como parte das atividades cotidianas.*

PALAVRAS-CHAVE: *vozes verbais; ferramenta de tradução; estudo comparativo; aviação civil.*

ABSTRACT: *If translators do not pay close attention, they may be trapped by some linguistic tricks. Besides having knowledge about the general rules of the languages involved in the translation process, translators should be able to recognize the preferential uses of grammatical forms in each language considered. This article addresses the question of the predominant use of verbal voices in English and Spanish based civil aviation documents in order to make Brazilian translators aware of this important linguistic item, as well as to assist those who deal with a variety of texts in daily activities.*

KEY WORDS: *verbal voices; translation tool; comparative analysis; civil aviation.*

1 Introdução

É senso comum que o domínio de mais de um idioma proporciona melhor entendimento de como funciona cada língua. Aparentemente o domínio pleno da língua materna também auxilia na aquisição e no entendimento das demais línguas.

No processo tradutório, o entendimento dos princípios subjacentes às línguas pares (considerando os textos de partida e de chegada) é um dos desafios do tradutor, e que requer muitas vezes estudos autônomos, já que há relativamente pouca bibliografia metalinguística nesse sentido e, menos ainda, cursos que propiciem oportunidades de comparar os idiomas sob a ótica do tradutor.

¹ Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Tradução técnica; Cargo Técnico Administrativo na Superintendência de Capacitação e Desenvolvimento de Pessoas da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC).

Conforme assinala Ribeiro (2010), muitas das ferramentas relacionadas à tradução que vêm ganhando espaço tanto no meio acadêmico como no mercado de trabalho, têm como base os estudos de linguística de *corpus* (plural: *corpora*). Os *corpora* consistem em coletâneas de (segmentos de) textos em formato eletrônico para fins de pesquisa, cujo foco concentra-se nos usos de diferentes tópicos linguísticos, através da análise da frequência de ocorrência de itens lexicais, sintáticos, discursivos e pragmáticos.

Recentemente, o tema “aviação” tem despertado o interesse crescente dos linguistas e vem sendo explorado em diversos estudos. No Brasil, temos alguns trabalhos já publicados nessa temática como, por exemplo, o de Prado (2010), que utiliza a linguística de *corpus* para descrever o uso real da linguagem e fomentar a uniformização do vocabulário empregado na comunicação entre controladores de tráfego aéreo e piloto. Por sua vez, Almeida (2010) utiliza uma abordagem cognitiva para ressaltar a importância do contexto situacional na atribuição de significados às instruções recebidas pelos pilotos na cabine de comando. Outros autores abordam aspectos relevantes para o ensino de inglês para fins específicos, como a proficiência com números (Derby, 2010) e o emprego da terminologia da aviação para pilotos iniciantes (Bocorny, 2010).

No entanto, ainda não foram publicados estudos comparativos de uso de estruturas linguísticas em diferentes idiomas no âmbito da aviação. Destaca-se a importância de estudos dessa natureza para facilitação do trabalho do tradutor e para maior conscientização linguística dos profissionais da aviação que se comunicam em idiomas estrangeiros. Do tradutor, especialmente, espera-se a aquisição de conhecimentos linguísticos aprofundados, pois, conforme afirmam Batalha e Pontes Jr. (2007), para ser um bom tradutor é preciso estar familiarizado com as diferentes formas de organização do pensamento e com as diversas estratégias textuais da sua própria cultura e do país da língua que vai traduzir. Parece haver consenso entre os tradutores na aceitação de que quanto mais consciente for o tradutor, melhor a qualidade do texto de chegada e maiores as chances de uma aplicação bem sucedida de técnicas e estratégias de tradução, conforme assinalam Alves *et al* (2000).

Em geral, os *corpora* consistem de grandes registros. No entanto, partindo apenas da experiência pessoal em traduções, o presente trabalho tem por objetivo apresentar um breve estudo comparativo do uso da voz passiva nos idiomas inglês e espanhol. A decisão pela análise desse item gramatical deveu-se à notória diferença de uso dessa forma de flexão verbal entre os idiomas mencionados, com implicações diretas na qualidade das traduções.

Cabe observar que a aferição da proficiência linguística de pilotos e controladores baseia-se em rigorosos requisitos estabelecidos pelas autoridades da aviação no Manual da OACI² sobre Implementação dos Requisitos de Proficiência Linguística (Doc 9835). Portanto, além do tradutor e

² Organização de Aviação Civil Internacional, com sede em Montreal (Canadá) e escritórios regionais, atuando em Lima (Peru), Bangkok (Tailândia), Cairo (Egito), Dacar (Senegal), Cidade do México (México), Nairobi (Quênia) e Paris (França).

dos profissionais da aviação, também professores e/ou avaliadores da proficiência linguística de pilotos e controladores podem se beneficiar com o aprendizado dos usos diferenciados das estruturas linguísticas nas diferentes culturas.

A seguir são apresentados os usos das vozes verbais nos idiomas inglês, espanhol e português. Embora o objeto de estudo do presente trabalho esteja restrito aos dois primeiros idiomas, inicia-se a explanação sobre as vozes do verbo na língua portuguesa para que o leitor brasileiro possa tomá-la como referencial no entendimento de como isso se dá nos demais idiomas estudados.

2 As vozes verbais

Em português, *voz verbal* é como se denomina a flexão verbal que denota a forma segundo a qual o sujeito se relaciona com o verbo e com os complementos verbais.

As vozes verbais são (Wikipedia, 2010):

A1. Voz reflexiva: indica que a ação expressa pelo verbo é praticada e recebida pelo sujeito. Exemplo: O piloto machucou-se.

A2 Voz reflexiva recíproca: quando há um sujeito composto e o verbo indica que um elemento do sujeito pratica ação sobre o outro, mutuamente. Exemplo: Comissário e aeromoça se casaram.

B. Voz ativa: é como se denomina a flexão verbal que indica que o sujeito pratica ou participa da ação denotada pelo verbo, destacando quem pratica a ação (agente). Exemplo: O impacto com a ave quebrou uma janela da aeronave.

C. Voz passiva: indica que a ação expressa pelo verbo é recebida pelo sujeito

C1. Voz passiva sintética ou pronominal: formada por verbo transitivo direto na 3ª pessoa + se (pronome apassivador ou partícula apassivadora) + sujeito paciente e sempre vai estar acompanhado do pronome apassivador “se”. Exemplo: 1. Vende-se heliponto.; 2. Compram-se novas aeronaves.

C2. Voz passiva analítica: formada pelos verbos ser ou estar + participio do verbo principal + agente da passiva Exemplo: Os motores da antiga aeronave foram certificados por engenheiros competentes.

Nas situações em que não há alteração de significado, o brasileiro aparentemente privilegia o emprego da voz ativa. Por exemplo, em vez de relatar que “a janela foi quebrada”, ele preferirá dizer “quebraram a janela”.

Em inglês, no entanto, a voz passiva é bastante usada, sendo formada pelo auxiliar *to be* + verbo principal no particípio passado. Dentre as situações em que se usa preferencialmente a estrutura da voz passiva, destacam-se (Swan, 2009):

- a. Ênfase na ação – omissão do agente

Muito comum em textos científicos. Exemplo: *The results have not yet been analysed.*

- b. Destaque da informação nova

Preferência pela iniciação do enunciado com o que já é conhecido, deixando-se a novidade para o final. Exemplo: *This picture was painted by my grandmother.*

- c. Manutenção do mesmo sujeito

Quando se refere à mesma pessoa ou coisa em orações consecutivas, tornando a sequência mais natural. Exemplo: *He waited for two hours; then he was seen by a doctor...* (e não: *He waited for two hours; then a doctor saw him...*).

- d. Expressões longas com valor emocional

Quando ocorrem tais expressões, geralmente são colocadas ao final do enunciado, após outro com estrutura passiva, posto que soam mais naturais para o falante nativo. Exemplo: *I was annoyed by Mary wanting to tell everybody what to do*, em vez de *Mary wanting to tell everybody what to do annoyed me*.

- e. Gramática e significado

Na língua inglesa alguns verbos não admitem o significado na ativa, embora em outras línguas os mesmos verbos possam admitir a ativa. Exemplo: (to be born) *I was born in 1966*. O falante nativo poderá alternar entre ativa e passiva, sem que haja alteração de significado. Exemplo: *He (was) drowned while trying to swim across a river*. Outras vezes, o significado poderá variar sutilmente. Exemplo: 1. *I've got work to do* (com ênfase na pessoa); *There is a lot of work to be done* (maior ênfase na ação); 2. *There's nothing to do in this city* (não há nada para se fazer); *There's nothing to be done in this case* (não tem jeito). Em inglês, é frequente também o uso da passiva após o verbo *to be*. Exemplo: *These forms are to be filled in by midday*.

De acordo com o Guia Prático de Espanhol (2010), em espanhol a voz passiva não é muito usada, preferindo-se a voz ativa. O uso da voz passiva acontece seja por desconhecimento do agente causador da ação, seja por vontade do interlocutor de omiti-lo, ou ainda por ser totalmente indiferente para os interlocutores. Exemplo: *La noticia fue divulgada*.

Utiliza-se a voz passiva sintética (em espanhol *la pasiva refleja*) como marca de impessoalidade, equivalendo à oração com sujeito indeterminado. Exemplo: *Se han descubierto sus trampas*. Cabe destacar que enquanto em português a concordância do verbo com o objeto da voz passiva é obrigatória, em espanhol o verbo pode ou não concordar.

A preferência pelo uso da voz ativa em espanhol é notória especialmente na língua oral, em que o objeto direto da ativa é comumente anteposto ao verbo como pronome. Exemplo: *El libro lo publicarán en noviembre*, em vez de *El libro será publicado em noviembre*

3 Metodologia

Com o objetivo de realizar as comparações, foram escolhidos textos da OACI redigidos nas versões em inglês e espanhol (Doc 9884). Partindo do texto em inglês, primeiramente foi feita a contagem manual dos enunciados construídos na voz passiva e, em seguida, buscou-se o enunciado equivalente no texto em espanhol. A seguir são apresentados alguns exemplos de segmentos de textos extraídos das versões em inglês e espanhol, evidenciando as diferenças de uso da voz passiva.

4 Resultados

Na presente análise foram encontrados 155 enunciados da língua inglesa com diferenças de uso da voz passiva em relação ao espanhol, enquanto em apenas 21 casos observou-se o uso igual da voz passiva analítica em ambos os idiomas. Portanto, a razão é de aproximadamente 1:14, ou seja, para cada enunciado em que se faz igual uso da passiva, há aproximadamente 14 em que o uso será diferente, comparando-se os idiomas inglês e espanhol. Dos 155 enunciados citados acima, 76 (49%) diferem pelo fato de que em inglês é usada a voz passiva analítica, e seu equivalente ocorre na forma de voz passiva sintética em espanhol [Veja Exemplo 1 (compare *E2* x *S2*), Exemplo 2 (*E3* x *S3*), Exemplo 7 (*E8* x *S8*)]; 73 (47%) diferem pelo uso da VP em inglês equivaler ao uso da voz ativa em espanhol [Veja Exemplo 3 (*E4* x *S4*), Exemplo 5 (*E6* x *S6*), Exemplo 6 (*E7* x *S7*) Exemplo 8 (*E9* x *S9*)]; os 4% restantes diferem pelo uso da VP em inglês não encontrar equivalente no espanhol nem na voz passiva nem na ativa, preferindo-se adaptar o enunciado por meio do emprego de outros recursos não verbais, como a substituição do verbo por um adjetivo [Veja Exemplo 4 (*E5* x *S50*)]. A seguir são apresentados alguns exemplos para ilustrar o descrito acima, sendo *E* = enunciado em língua inglesa (*ENG*) e *S* = enunciado em espanhol (*SPA*), ambos numerados de 1 a 9.

5 Exemplos de Enunciados

Exemplo 1 (pp 4-1)

ENG: Once the local air quality situation and the aircraft contribution to adverse impact has been determined (*E1*), the charging scheme itself can be designed (*E2*).

SPA: Una vez que se ha determinado (S1) la situación de la calidad del aire local y la contribución de las aeronaves que repercute negativamente en dicha situación, se puede crear (S2) el régimen de derechos propiamente dicho.

Exemplo 2 (pp 1-2)

ENG: ... as defined by the jurisdiction where the emissions are released (E3).

SPA: ... definido por la jurisdicción en que se liberan (S3) las emisiones.

Exemplo 3 (p B-1)

ENG: The FOI database is not endorsed by ICAO... (E4)

SPA: La base de datos de FOI no tiene el respaldo de la OACI...(S4)

Exemplo 4 (p B-1)

ENG: Aircraft that are powered by small turboprops or piston engines... (E5)

SPA: Aeronaves propulsadas por motores de turbohélice o de émbolo... (S5)

Exemplo 5 (pp 4-5)

ENG: The charges will usually be levied by an airport or an aircraft operator. (E6)

SPA: Los derechos generalmente los recaudará un aeropuerto o un explotador de aeronaves. (S6)

Exemplo 6 (p A-1)

ENG: These costs are borne by a party... (E7)

SPA: Estos costos los soporta una parte ... (S7)

Exemplo 7

ENG: If it is intended that... (E8) (pp 4-6)

SPA: Si se desea que... (S8) (pp 4-7)

Exemplo 8 (p 4-1)

ENG: It should be noted that... (E9)

SPA: Cabe señalar que... (S9)

6 Discussão

Os resultados desta análise sugerem que, a despeito do uso menos frequente da estrutura de voz passiva em espanhol em relação ao inglês, uma vez que se deva utilizá-la, a preferência do espanhol é pelo emprego da forma sintética, com o pronome *se*.

Além disso, dependendo de qual seja a língua fonte e a língua meta, o tradutor deve empregar conscientemente em maior ou menor frequência essa forma de flexão verbal, respeitando as preferências de cada idioma implicado na tradução.

Admitindo-se que a opção pela ativa ou pela passiva seja decorrente de uma das situações arroladas no item sobre as vozes verbais deste artigo, pode-se dizer que nos Exemplos 1 e 2 o uso da voz passiva em inglês é devido à maior ênfase na ação, podendo-se omitir o agente. Justifica-se o uso da passiva nos enunciados em inglês dos Exemplos 3, 4 e 5, pela necessidade de dar mais destaque à informação nova (não mostrada), explicitada logo após a citação do agente, que neste caso importa por tratar-se seja de uma autoridade da aviação civil, seja de motores ou pessoas chave na realização da ação. Tipicamente, neste último caso, o equivalente em espanhol é expresso na ativa.

Por outro lado, o Exemplo 6 provavelmente ilustra uma situação em que o verbo não admite significado igual na ativa e na passiva em inglês, pois o verbo *to bear* pode significar suportar, no sentido de dar suporte, ou aguentar, dependendo do contexto. Tanto no Exemplo 6 como nos Exemplos 7 e 8, o autor do texto em inglês parece querer também destacar a informação nova. Nos dois últimos exemplos, utiliza-se uma expressão condicional ou um verbo modal (*should*). Notoriamente, nesses três casos, opta-se pelo uso da voz ativa em espanhol. Parece, portanto, que se trata de uma diferença retórica de estruturação dos enunciados em inglês e espanhol, a fim de dar conta de um mesmo propósito: o de apresentar uma informação nova ao leitor. Enquanto o nativo da língua inglesa prefere explicitar o enunciado na voz passiva, deixando a informação nova para o final, em espanhol o mesmo enunciado será preferencialmente explicitado na ativa.

7 Considerações finais

Em vista das exigências do Doc 9835 frente às necessidades de melhorar a comunicação entre controladores e pilotos, o presente trabalho pode auxiliar na aquisição da consciência linguística intercultural. E ainda, contrariando o senso comum, de que a tradução de textos técnicos privilegia o significado em detrimento da forma, o presente estudo ilustra como as formas gramaticais, tanto quanto o conteúdo, podem ser de suma importância na tradução de textos técnicos.

Ao traduzir textos técnico-científicos, é fundamental o conhecimento das estruturas preferenciais de cada idioma em questão. Para tanto, o tradutor deve ler muito, principalmente textos redigidos por nativos. A exposição oral também é desejável, porém, deve-se levar em consideração que a língua escrita e a língua falada diferem em muitos aspectos. Também a escrita poderá variar dependendo, dentre outras coisas, do gênero textual considerado e do público a que se destina.

Qualquer que seja a modalidade de texto considerada, é desejável “a construção de um discurso bastante fluente capaz de provocar a identificação do leitor”, conforme salienta Venuti (2002).

A despeito da brevidade da análise apresentada e das limitações do escopo deste estudo, os resultados obtidos endossam a importância da necessidade de serem levados em consideração os usos predominantes das vozes verbais nos diferentes idiomas no processo tradutório. Além disso, espera-se que este estudo sirva de incentivo para o tradutor que se afina com o espírito investigatório e que deseje adotar uma postura autodidata, reconhecendo a contribuição potencial que a pesquisa científica pode dar para a melhoria de seu desempenho. Nesse contexto, aplica-se o que Ribeiro (2010) coloca a respeito da seriedade com que devem ser feitas as pesquisas:

[...] a fim de que os resultados das pesquisas possam ser aplicados na prática profissional e promovam uma mudança de comportamento nos tradutores, as pesquisas devem ser criteriosas, detalhadas, contextualizadas, em vez de, por restrições de tempo, satisfazerem-se com soluções de emergência, comprometendo a qualidade e confiabilidade dos trabalhos. (Ribeiro, 2010, p. 173)

Referências bibliográficas

ALMEIDA, D. C. Language and action in the cockpit: a view from the Theory of Distributed Cognition. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 3-11, ago/dez. 2010.

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

BATALHA, M.C.; PONTES Jr., G. *Tradução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOCORNY, A. E. P. Ensino da terminologia da aviação para pilotos iniciantes: o contexto da comunicação especializada e o contexto da comunicação em uma sala de aula de ESP. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 12-20, ago/dez. 2010.

DERBY, R. Numbers are easy – numbers are hard. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 77-87, ago/dez. 2010.

GUIA PRÁTICO DE ESPANHOL. Disponível em: <<http://www.guiapraticodeespanhol.com.br/>> Acesso em: 11 mar 2010.

INTERNATIONAL CIVIL AVIATION ORGANIZATION. Guidance on Aircraft Emissions Charges Related to Local Air Quality, 2007 (Doc. 9884)

ORGANIZACIÓN DE AVIACIÓN CIVIL INTERNACIONAL. Manual on the implementation of ICAO language proficiency requirements, 2004 (Doc 9835-AN/453).

ORGANIZACIÓN DE AVIACIÓN CIVIL INTERNACIONAL. Orientación sobre derechos por emisiones de las aeronaves relacionados con la cualidad del aire local, 2007 (Doc 9884)

PRADO, M. C. A. *Corpus* de inglês oral na aviação em situações anormais. *Aviation in Focus*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 48-57, ago/dez. .2010.

RIBEIRO, G. C. B. Tradução técnica, terminologia e linguística de *corpus*: a ferramenta Wordsmith Tools. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6479/5974>> Acesso em 25 mar 2010 .

SWAN, M. *Practical English Usage*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Bauru, SP: EDUSP, 2002.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Voz_verbal> Acesso em: 11 mar 2010.